

NÍVEL DE DESEMPENHO MOTOR DE ESCOLARES PRATICANTES E NÃO PRATICANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

DOI: 105902/0102830810048

Data de submissão: 21/07/2013 Data de Aceite: 29/05/2014

Priscilla da Silva Fernandes
priesef@hotmail.com

Miriam Stock Palma
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
miriam.palma@ufrgs.br

RESUMO: O objetivo do estudo foi avaliar e comparar o nível de desempenho motor de crianças praticantes e não praticantes de educação física escolar. Participaram da amostra quarenta crianças, com sete a nove anos de idade (20 praticantes e 20 não praticantes) de duas escolas da rede pública de ensino de Porto Alegre. O instrumento utilizado para a análise do desempenho motor das crianças foi o Test of Gross Motor Development-2 (TGMD-2), de Ulrich (2000). Os resultados apontaram que não houve diferença significativa entre os grupos, ambos apresentando um nível de desempenho motor muito pobre.

Palavras-chave: Desempenho Motor. Escolares. Educação Física.

Introdução

O estilo de vida sedentário da sociedade moderna vem modificando as experiências motoras das crianças: a supressão da rua como ambiente de brincadeiras, o tempo demasiado dedicado ao uso de computador e/ou aos jogos de videogame e a assistir televisão, a violência e a falta de segurança nas cidades são alguns dos vários fatores que têm privado os indivíduos e, principalmente, as crianças, de muitas oportunidades e de estímulos necessários ao seu amplo e adequado desenvolvimento. Sabe-se que na infância as crianças necessitam de experiências motoras diversificadas e hábitos adequados para se tornarem adultos ativos e saudáveis.

Diversos estudos (LOPES et al., 2006; LOPES *et al.*, 2003; PALMA, 2008; BERLEZE, 2008; BRAGA *et al.*, 2009; BRAUNER, 2010) mostram que o número de crianças obesas em todo o mundo vem aumentando aceleradamente e têm identificado baixos índices de competência motora e sedentarismo infantil já em tenra idade, fatores esses que refletem os hábitos de vida das crianças nas sociedades industrializadas. Weineck (2005) alerta que, em virtude da carência de movimentação, ocorre uma redução da capacidade de funcionamento de todos os sistemas que garantem o desempenho global do organismo, podendo acarretar deficiências posturais, orgânicas e coordenativas; daí a grande importância e necessidade de programas de movimento desde tenra idade.

Na infância as crianças estão ativamente envolvidas na exploração e experimentação das suas capacidades motoras, atribuindo grande valor às atividades corporais. Para Gallahue e Ozmum (2005), Haywoode Getchell (2004) e Payne (2007), os primeiros seis a sete anos de idade são um período de extrema importância para elas, pois é aí que descobrem como desempenhar uma variedade de movimentos estabilizadores, locomotores e manipulativos – requeridos no seu dia a dia – e que formarão a base para a realização de atividades mais complexas, próprias de sua cultura, como os esportes, a dança, as lutas, os jogos, etc. Por isso, acreditamos que correr, saltar, galopar, arremessar e chutar uma bola, rolar, equilibrar-se e equilibrar objetos, entre outros, deveriam fazer parte do processo de aprendizagem infantil, o qual depende, parcialmente, da maturação, mas é bastante influenciado pelas oportunidades propiciadas às crianças nos ambientes pelos quais transita. Assim, para maximizar o potencial que elas carregam consigo é crucial aliar

às suas brincadeiras e atividades livres diárias, programas em que haja o estabelecimento de objetivos, a organização, a aplicação de estratégias metodológicas que propiciem progressos aos infantes e a avaliação do processo ensino-aprendizagem.

Lamentavelmente, não são raros os estudos que têm detectado baixos níveis de desenvolvimento motor entre crianças em idade pré-escolar e escolar (CAMARGO, 2010; AZEVEDO, 2009; BRAUNER, 2010; BERLEZE, 2008; PALMA; PEREIRA; VALENTINI, 2009; BRAGA et al., 2009; SURDI; KREBS, 1999). Entretanto, muitas investigações têm demonstrado que a participação regular em programas de educação física/movimento produz impacto positivo sobre o desenvolvimento de habilidades motoras de crianças nessas faixas etárias (FERRAZ; FLORES, 2004; MARSHALL; BOUFFARD, 1997; GARCIA; GARCIA, 2002; PALMA, CAMARGO; PONTES, 2012; GOODWAY; RUDISILL, 1997).

Considerando-se que atualmente as crianças ingressam cada vez mais cedo em instituições formais de ensino, é primordial que os adultos responsáveis pela educação dessas crianças oportunizem-lhes situações de tal forma que elas possam se envolver ativamente nas mais diversas atividades do seu dia-a-dia. Nessa perspectiva, a oferta de programas de educação física configura-se como um elemento importante para almejar o pleno desenvolvimento infantil.

Sanders (2005) defende os programas de educação física para crianças em idade pré-escolar e escolar e afirma que elas necessitam participar de atividades não estruturadas sempre que for possível e devem ter, pelo menos, uma hora por dia de atividade física estruturada. Manross *apud* Sanders (2005) constatou que os alunos da quinta e da sexta séries que participaram diariamente das atividades estruturadas para o desenvolvimento de habilidades tinham um desempenho melhor do que os que participaram de aulas de educação física centradas apenas em jogos. Por isso, entendemos que a educação física nas séries iniciais é de suma importância para o adequado desenvolvimento motor das crianças. Nessa perspectiva, nosso estudo teve por objetivo avaliar e comparar o nível de desempenho motor de escolares praticantes e não praticantes de educação física escolar. As seguintes hipóteses foram elaboradas: (1) crianças praticantes de educação física apresentariam desempenho motor adequado a sua idade, enquanto que as não praticantes apresentariam esse desempenho aquém do esperado; (2) crianças praticantes de educação

física apresentariam desempenho motor superior – quanto às habilidades de locomoção, de controle de objetos e ao Coeficiente Motor Amplo (CMA) - ao das não praticantes.

Métodos

Amostra

Fizeram parte do estudo 40 crianças de ambos os sexos, com idades entre 7 e 9 anos, matriculadas em turmas de segundo ano de duas escolas públicas - uma que oferece aulas de educação física com professor especializado e outra que não oferece aulas de educação física - localizadas no mesmo bairro na cidade de Porto Alegre/RS.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o Termo de Consentimento Institucional foi assinado pelos diretores das escolas, autorizando a realização do estudo nas dependências das suas instituições. Além disso, todos os escolares participantes tiveram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por seus responsáveis. E, finalmente, a concordância da própria criança foi considerada para a sua participação no estudo.

Instrumentos

Para avaliar o nível de desempenho motor das crianças participantes do estudo foi utilizado o Test of Gross Motor Development – Second Edition (TGMD -2), de Ulrich (2000), instrumento validado no Brasil por Valentini *et al.* (2008). Esse teste foi escolhido pelo fato de serem avaliadas habilidades consideradas importantes de serem desenvolvidas pelas crianças em idade pré-escolar e escolar (ULRICH, 2000; WIART; DARRAH, 2001).

O TGMD-2 avalia 12 habilidades motoras amplas, em dois subtestes: a) subteste locomotor: corrida, galope, saltito, passada, salto horizontal e corrida lateral; b) subteste de controle de objetos: rebatida de uma bola estacionária, drible, recepção, chute, arremesso sobre o ombro e rolar a bola. A aplicação do teste durou aproximadamente 20 minutos por criança. O protocolo de aplicação sugere o uso de câmera filmadora para registro e posterior análise do desempenho motor; essa análise levou aproximadamente 60 minutos para cada criança.

Os escores registrados por cada criança fornecem escore bruto, escore padrão e percentil em cada um dos subtestes, além de um Coeficiente Motor Amplo (CMA). O escore bruto é obtido através do somatório dos pontos recebidos na execução de cada habilidade motora, sendo zero o escore bruto mais baixo para cada subteste e o mais alto, 48. O escore padrão é calculado a partir dos escores brutos e considera a idade da criança. A amplitude do escore padrão é de 1 a 20 para cada subteste. O percentil representa valores que indicam a porcentagem de distribuição de cada indivíduo. O Coeficiente Motor Amplo trata-se de uma representação numérica do desempenho geral das crianças nas habilidades motoras avaliadas pelo TGMD-2.

Para o controle de possíveis práticas de atividade física sistemática realizada pelas crianças (fora do âmbito das aulas de educação física), foi encaminhado aos pais questionário sobre o tema. Assim, crianças praticantes de algum tipo de atividade física extraclasse com frequência semanal igual ou superior a duas vezes não participaram do nosso estudo.

Procedimentos de coleta e de análise dos dados

Para a aplicação do TGMD-2 foi seguido o protocolo padronizado sugerido no apêndice A do Manual do Avaliador (ULRICH, 2000). O registro do teste de cada criança foi realizado através de duas câmeras digitais, uma com vista frontal e a outra, lateral. Após a aplicação do TGMD-2 o desempenho motor das crianças foi analisado, em um primeiro momento, através das imagens frontais de uma das câmeras; a seguir, as imagens laterais do teste foram utilizadas para confirmar a análise realizada pela primeira câmera.

Análise estatística

Para a análise estatística dos dados utilizamos o programa Statistical Package for Social Sciences (SPSS), versão 18.0. Os dados são referentes aos escores padrão (nos subtestes de locomoção e de controle de objetos) e ao Coeficiente Motor Amplo obtido por cada criança no TGMD-2.

A partir do Teste de Normalidade de Shapiro-Wilk foi verificada a distribuição dos dados na amostra. No caso de distribuição normal, a comparação entre os dois grupos foi realizada através do Teste *t de Student* para amostras independentes; no caso de distribuição não normal, o teste não paramétrico U Mann-Whitney foi utilizado.

Análise e Discussão dos Resultados

Distribuição dos dados na amostra

O resultado do teste de normalidade de Shapiro-Wilk revelou que os dados não se apresentaram normalmente distribuídos no subteste locomotor ($p=0,016$ para praticantes e $p=0,045$ para não praticantes); já no subteste controle de objetos ($p=0,609$ para praticantes e $p=0,086$ para não praticantes) e no CMA ($p=0,094$ para praticantes e $p=0,298$ para não praticantes) os dados se apresentaram normalmente distribuídos.

Análise do desempenho motor, conforme Ulrich (2000).

O desempenho motor geral das crianças praticantes e não praticantes de educação física sistemática, expresso pelo CMA, baseado nas categorias propostas por Ulrich (2000), é apresentado na tabela 1.

	CMA	Categoria
Praticantes	64,75± 5,58	Muito Pobre
Não praticantes	64,15±8,84	Muito Pobre

Tabela 1 – Médias dos 2 grupos

Para Ulrich (2000), valores do CMA acima de 130 são considerados como *muito superiores*; entre 121 e 130, *superiores*; entre 111 e 120, *acima da média*; entre 90 e 110, *na média*; entre 80 e 89, *abaixo da média*; entre 70 e 79, *pobres*; e abaixo de 70, *muito pobres*.

Como é possível observar, o desempenho motor das crianças de ambos os grupos da nossa investigação caracteriza-se como *muito pobre*. Os resultados são parcialmente consistentes com a hipótese 1 do estudo, a qual afirmava que escolares praticantes de educação física apresentariam um desempenho motor adequado a sua idade, enquanto escolares não praticantes apresentariam um desempenho motor aquém do esperado para sua idade.

Dados semelhantes foram encontrados no estudo de Peres (2008), o qual comparou o comportamento motor de dois grupos de crianças, do 4º ano do Ensino Básico escolar de Portugal: um grupo composto por crianças participantes de educação física de forma regular e sistemática com professor especialista, e outro, por crianças que não frequentavam aulas de educação física. A investigação não evidenciou diferenças significativas entre os níveis de desempenho motor dos grupos avaliados, ambos encontrando-se na categoria *muito pobre*. Também os resultados de Azevedo (2009) assemelham-se parcialmente aos desta investigação, pois não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de crianças que participava de aulas de educação física ministradas pelos estagiários da área (*categoria pobre*) e o grupo que participava dessas aulas ministradas pelo professor unidocente (*categoria pobre*). Entretanto, diferenças foram constatadas entre o grupo que participava de aulas de educação física ministradas pelos estagiários da área e os que não realizavam educação física (*categoria muito pobre*).

Camargo (2010) avaliou e comparou o nível de desenvolvimento motor de sessenta e quatro crianças pré-escolares praticantes e não-praticantes de atividade física sistemática e constatou que a prática de atividade física exerceu impacto positivo sobre o desempenho motor dessas crianças e os praticantes localizaram-se uma categoria acima dos não praticantes [praticantes: CMA = 88,00 (abaixo da média); não praticantes: CMA = 79,00 (pobre)]. O autor alerta, entretanto, que ambos os grupos apresentaram desempenho abaixo do esperado para a sua idade.

Através dos resultados de nosso estudo, podemos identificar uma carência motora em ambos os grupos; isso gera uma preocupação em relação aos estímulos motores que essas crianças estão recebendo, pois é necessário que programas de educação física propiciem oportunidades de experiências diversificadas e apropriadas para o seu correto desenvolvimento motor. Corroborando, Villwock e Valentini (2007) constataram como os principais fatores que influenciam as dificuldades no processo de desenvolvimento motor: falta de experiência motora; falta de instrução adequada; falta de oportunidades de práticas diversificadas; e fatores motivacionais. É importante destacar os estudos de Brauner (2010), Palma (2008), Berleze (2008), Piffero (2007), Souza, Berleze e Valentini (2008), que constataram incrementos significativos no desempenho motor de pré-escolares e escolares,

após esses terem participado de programas de movimento/educação física, demonstrando, dessa forma, a importância da estimulação adequada. Diferentemente desses estudos, o nosso limitou-se à avaliação do desempenho motor de estudantes praticantes e não praticantes de educação física, não se tendo por objetivo a análise do programa ministrado.

Comparações entre os grupos

Subteste locomotor: Tendo-se recorrido ao teste U Mann-Whitney para a comparação entre os grupos, não foi constatada diferença estatisticamente significativa entre eles ($p=0,176$). O gráfico 1 apresenta o desempenho motor das crianças dos dois grupos, no subteste locomotor. O grupo de praticantes obteve mediana = 4,00 ($P_{25}=3,00$; $P_{75}=4,00$), enquanto que os não praticantes, mediana = 3,00 ($P_{25}=2,25$; $P_{75}=4,00$).

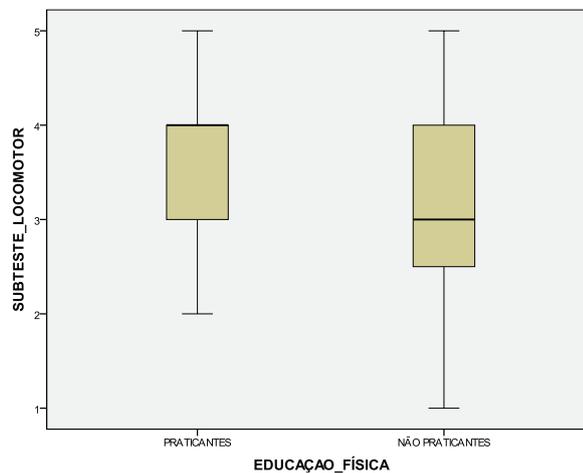


Gráfico 1 – Comparação entre Praticantes e Não Praticantes – Subteste Locomotor

Esses achados não confirmam a hipótese 2 de nosso estudo, que afirmava que escolares praticantes de educação física apresentariam desempenho de habilidades locomotoras superior, quando comparado ao de escolares não praticantes de educação física.

Também a investigação de Peres (2008) encontrou similaridade no desempenho de habilidades locomotoras de dois grupos de escolares portugueses: um composto por crianças participantes de educação física de forma regular e sistemática com professor especialista, e outro, por crianças que não frequentavam aulas de educação física.

Palma (2008) investigou o impacto de diferentes contextos de ensino-aprendizagem sobre o desenvolvimento de habilidades de locomoção, de controle de objetos e do Coeficiente Motor Amplo, através do TGMD-2, em setenta e uma crianças pré-escolares portuguesas.

Aos dois grupos experimentais foram aplicados distintos programas, intitulados *Jogo com orientação* e *Jogo livre em contexto enriquecido*. O primeiro combinou estratégias de jogo livre, jogo orientado e atividades dirigidas pela investigadora, de acordo com os objetivos e conteúdos, com a experiência prévia das crianças em relação a esses conteúdos e com a sua motivação; já no segundo programa foram disponibilizados às crianças os mesmos materiais, em número proporcional ao de alunos e com a mesma disposição inicial que os utilizados pelo grupo *Jogo com orientação*. Sem qualquer sugestão ou orientação de atividades por parte da investigadora, as crianças podiam explorar os materiais, jogar e brincar da forma que desejassem. Ao Grupo Controle não foi ministrado qualquer tipo de intervenção relacionado à investigação entre o pré e o pós-teste. No que se refere às habilidades locomotoras, embora os três grupos tenham apresentado inicialmente desempenhos semelhantes, o grupo *Jogo com orientação* exibiu desempenho estatisticamente superior aos demais no pós-teste, o que levou a autora a ressaltar a importância da qualidade da intervenção dos professores em programas de movimento/educação física para crianças.

A investigação de Braga *et al.* (2009) teve por objetivo investigar a influência de um programa de intervenção motora no desempenho das habilidades locomotoras de sessenta crianças com idade entre 6 e 7 anos. Os escolares foram distribuídos aleatoriamente, de forma pareada, em três grupos: grupo com prática aleatória (G1), grupo com prática em blocos (G2) e grupo controle (G3). O estudo, que também utilizou o TGMD-2 e se constituiu de três fases (pré-teste, intervenção e pós-teste), evidenciou, no pós-teste desempenhos superiores dos grupos de tratamento, quando comparados aos do grupo controle, relativamente às habilidades de locomoção.

Berleze (2008) avaliou habilidades locomotoras de setenta e oito crianças com idade entre cinco e sete anos, antes e após um programa de intervenção motora, e concluiu que tanto o grupo interventivo quanto o grupo controle apresentaram ganhos significativos após a aplicação do programa ao primeiro grupo.

O estudo de Piffero (2007) investigou a influência de duas diferentes abordagens – clássica e de contexto motivacional para a maestria – em um programa de iniciação ao tênis sobre as habilidades locomotoras de sessenta e uma crianças em diferentes faixas etárias. Foi constatado que as crianças do programa de iniciação ao tênis em ambas as abordagens

demonstraram ganhos significativos da pré para a pós-intervenção no desenvolvimento de habilidades locomotoras. Além disso, pode-se observar que, embora os dois grupos tenham apresentado desempenhos semelhantes no pré-teste, o desempenho das crianças pertencentes ao grupo de abordagem de contexto motivacional para a maestria foi significativamente superior ao das crianças da abordagem clássica no pós-teste. A autora enfatiza, assim, a importância de serem implementadas estratégias que instiguem a busca de constantes desafios, novidade nas tarefas, promoção do engajamento e do comprometimento do indivíduo na aprendizagem como um todo.

Palma, Camargo e Pontes (2012) também levaram a cabo um estudo com oitenta e oito crianças pré-escolares na cidade de Porto Alegre /RS e constataram que a participação das mesmas em programas de atividade física sistemática exerce impacto positivo sobre o desenvolvimento de suas habilidades locomotoras fundamentais. Nessa investigação, foram consideradas praticantes as crianças que participavam de algum programa de educação física/movimento com frequência semanal igual ou superior a duas vezes.

De forma geral, verificamos que os programas de movimento/educação física, quando planejados e implementados com controle de alguns princípios pedagógicos, têm influenciado positivamente o desenvolvimento de habilidades locomotoras de crianças em variadas idades. Na contra-mão dessa afirmação, o que verificamos NO CONTEXTO DO NOSSO ESTUDO é que participar ou não das aulas de educação física escolar não influenciou o desenvolvimento das habilidades locomotoras dessas crianças.

Subteste Controle de Objetos: O Teste t para amostras independentes identificou, através da comparação entre os dados dos dois grupos, que as diferenças observadas não foram estatisticamente significativas ($p= 0,588$). O grupo de crianças praticantes de educação física com professor especializado apresentou $M= 4,50 (\pm 1,82)$, enquanto que o grupo de crianças não praticantes de educação física apresentou $M= 4,85 (\pm 2,20)$.

O gráfico 2 apresenta os resultados relativos ao subtteste controle de objetos.

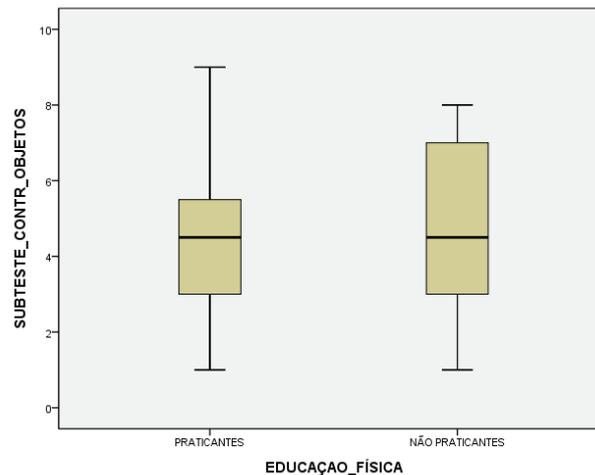


Gráfico 2 – Comparação entre Praticantes e Não Praticantes – Subteste Controle de Objetos

Esses resultados não são convergentes com a hipótese 2 de nosso estudo, que afirmava que escolares praticantes de educação física apresentariam desempenho de habilidades de controle de objeto superior, quando comparado com o de escolares não praticantes de educação física.

Em um estudo descritivo semelhante ao nosso, o de Nobre *et al.* (2012), o objetivo foi descrever e comparar o desenvolvimento motor de crianças de quatro a seis anos de idade envolvidas em um programa de intervenção motora e crianças da mesma faixa etária que não praticam aulas de educação física. Essa pesquisa avaliou o desenvolvimento motor de quarenta e seis crianças, sendo vinte e três do grupo com intervenção (G-int) e vinte e três do grupo controle (G-cont), através da bateria de testes TGMD-2. Foi constatado que os meninos do grupo interventivo apresentaram desempenho superior nas habilidades de controle de objetos, quando comparado ao dos meninos do grupo controle; entre as meninas dos dois grupos, foi verificada semelhança no desempenho dessas habilidades.

É de mencionar o trabalho de Ferreira (2010), cujo objetivo foi verificar a influência de um programa de iniciação ao futsal sobre o desenvolvimento de habilidades motoras fundamentais em crianças de três a cinco anos de idade. Embora o grupo interventivo tenha apresentado desempenho superior ao grupo controle quanto às habilidades locomotoras e ao CMA, os grupos apresentaram similaridade quanto às habilidades de controle de objeto.

Brauner (2010), em sua dissertação de mestrado, constatou o impacto positivo de uma intervenção motora sobre o desempenho motor de crianças participantes de um projeto

social, oriundos de escolas municipais da cidade de Porto Alegre, RS. Participaram da amostra 118 crianças entre 5 e 9 anos (59 no grupo interventivo e 59 no grupo controle). Embora no pré-teste os grupos tenham apresentado desempenhos semelhantes, após a intervenção foram verificados ganhos significativos no grupo que participou do projeto e seus índices foram bastante superiores aos do grupo controle.

Ainda, em vários outros estudos (BERLEZE, 2008; PALMA; CAMARGO; PONTES, 2012; AZEVEDO, 2012; PÍFFERO, 2007) foi constatada superioridade no desempenho de habilidades de controle de objetos de grupos praticantes de algum tipo de atividade física sistemática – como aulas de educação física, iniciação ao tênis, iniciação à ginástica rítmica, etc – em relação a grupos de crianças que não participam de programas de movimento de forma sistemática e regular.

CMA: O Teste *t* para amostras independentes identificou, através da comparação entre os dados dos dois grupos, que as diferenças observadas não foram estatisticamente significativas ($p= 0,799$). O grupo de crianças praticantes de educação física com professor especializado apresentou $M= 64,75 (\pm 5,58)$, enquanto que o grupo de crianças não praticantes de educação física apresentou $M= 64,15 (\pm 8,84)$.

Os resultados relativos ao CMA encontram-se no gráfico 3.

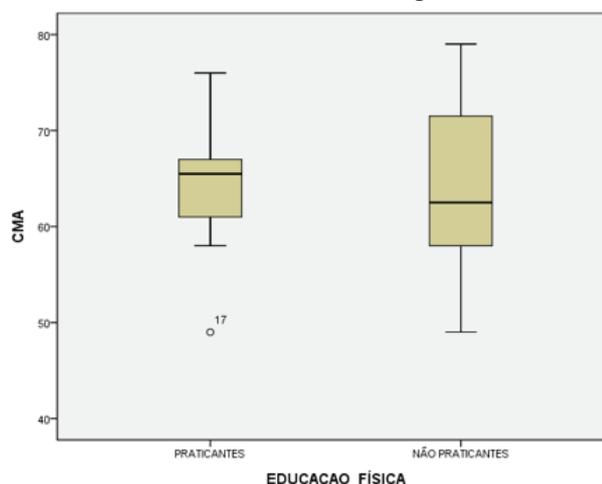


Gráfico 3 – Comparação entre Praticantes e Não Praticantes – CMA

Esses achados não são consistentes com a hipótese 2 de nosso estudo, que afirmava que escolares praticantes de educação física apresentariam Coeficiente Motor Amplo superior, quando comparado com o de escolares não praticantes de educação física.

Azevedo (2009) também não encontrou diferenças estatisticamente significativas entre o desempenho motor do grupo de crianças que participava de educação física com estagiários da área e o do grupo que participava dessas aulas com professor unidocente. Nessa mesma linha, Peres (2008), em seu estudo em Portugal, não constatou diferenças significativas entre o desempenho do grupo que frequentava aulas de educação física de forma regular e sistemática com professor especialista e o do grupo que não frequentava aulas de educação física.

Entretanto, nas investigações de Palma (2008), Brauner (2010), Berleze (2008), Castro (2008), Píffero (2007), Ferreira (2010), Souza, Berleze e Valentini (2008), em que houve a implementação de programas de movimento baseados em princípios pedagógicos claros, com amplas e variadas oportunidades de movimentos para as crianças, materiais e espaços adequados e orientação de professores(as) que conheciam e consideravam as características e necessidades dos infantes, ficou claro o entendimento de que as habilidades motoras fundamentais, tão importantes para o desenvolvimento infantil, não emergem naturalmente; ao contrário, destaca-se a importância de serem oferecidas às crianças, desde tenra idade, programas de movimento de qualidade. Em todos esses estudos, grupos de crianças praticantes de algum tipo de programa de movimento apresentaram desempenho motor superior ao de crianças que não participam de tais programas.

Considerações Finais

O objetivo deste estudo foi avaliar e comparar o nível de desempenho motor de escolares praticantes e não praticantes de educação física escolar. Após a análise dos resultados, constatamos níveis muito baixos de desempenho motor de nossos escolares; e é importante mencionar que no instrumento utilizado são avaliadas habilidades motoras fundamentais que, a princípio, deveriam se apresentar em seu padrão maduro em crianças com aproximadamente seis ou sete anos de idade. Esses achados fazem-nos refletir sobre o quanto nossos escolares – praticantes e não praticantes de educação física - não têm sido adequadamente estimulados para se tornarem competentes motoramente.

Ao compararmos os dois grupos relativamente ao desempenho de habilidades locomotoras, de controle de objetos e ao CMA, verificamos que, ao contrário do esperado, as aulas de educação física não exerceram impacto positivo sobre esse desempenho. Considerando que nosso estudo ateve-se à análise do desempenho das crianças, e não à qualidade do programa de educação física escolar, ficam as seguintes perguntas: (a) têm os programas de educação física para escolares focado em outros conteúdos que não as habilidades motoras fundamentais, avaliadas neste estudo? (b) a frequência dessas aulas é insuficiente para poder exercer impacto positivo sobre o desempenho das crianças que delas participam? (c) fatores relacionados às estratégias de ensino utilizadas pelo(a) professor(a) (como a instrução, a demonstração, o feedback, métodos diretos e/ou indiretos, etc) e/ou aos espaços e materiais/equipamentos [(in)adequados, (in)suficientes] influenciaram esses resultados?

Como relatado anteriormente, em inúmeras investigações onde houve o controle dessas e de outras variáveis nas intervenções, foram constatados ganhos significativos no desempenho motor das crianças participantes dos programas.

Dessa forma, apontamos como limitações do nosso estudo a falta de controle da qualidade do programa de educação física escolar, além do tamanho reduzido da amostra, o que inviabiliza qualquer generalização desses resultados. Sugerimos que sejam realizadas mais pesquisas nas áreas do desenvolvimento motor infantil, da metodologia de ensino da educação física e da formação de professores, para que assim nós, professores de educação física, possamos auxiliar mais efetivamente nossos estudantes em seu processo de desenvolvimento.

Referências

AZEVEDO, K. **A influência de um programa de ginástica rítmica sobre o desenvolvimento motor e a percepção de competência de crianças.** 2012. 50f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física, Porto Alegre, 2012.

AZEVEDO, J. **Nível de desempenho motor de crianças com 10 anos de idade em escolas públicas de Porto Alegre.** 2009. 39f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física, Porto Alegre, 2009.

BERLEZE, A. **Efeitos de um programa de intervenção motora em crianças obesas e não obesas nos parâmetros motores, nutricionais e psicossociais.** 2008. 186f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física, Porto Alegre, 2008.

BRAGA, R. et al. A influência de um programa de intervenção motora no desempenho das habilidades locomotoras de crianças com idades entre 6 e 7 anos. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n.2, p. 171-181, 2009.

BRAUNER, L. **Projeto social esportivo: impacto no desempenho motor, na percepção de competência e na rotina de atividades infantis dos participantes.** 2010. 190f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física, Porto Alegre, 2010.

CAMARGO, V. **Estudo comparativo do nível de desempenho motor entre crianças pré-escolares praticantes e não praticantes de atividade física sistemática.** 2010. 46f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física, Porto Alegre, 2010.

CASTRO, M. **A influência do contexto nas habilidades motoras fundamentais de pré-escolares e escolares.** 2008. 106f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física, Porto Alegre, 2008.

FERRAZ, O.; FLORES, K. Educação física na educação infantil: influência de um programa na aprendizagem e desenvolvimento de conteúdos conceituais e procedimentais.

Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.18, n.1, p. 47-60, 2004.

FERREIRA, M. **A influência de um programa de iniciação ao futsal sobre o desenvolvimento de habilidades motoras fundamentais em crianças pré-escolares**. 2010. 41f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física, Porto Alegre, 2010.

GALLAHUE, D.; OZMUN, J. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2005.

GARCIA, C.; GARCIA, L. Examining developmental changes in throwing. In: CLARK, J.; HUMPHREY, J. **Motor Development: research and reviews**. v.2. Reston: NASPE Publications, 2002, p.62-95.

GOODWAY, J.; RUDISILL, M. Perceived physical competence and actual motor skill competence of African American preschool children. **Adapted Physical Activity Quarterly**, Champaign, v.14, n.4. p.314-326, 1997.

HAYWOOD, K.; GETCHELL, N. **Desenvolvimento Motor ao Longo da Vida**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LOPES, V. et al. Physical activity patterns during school recess: a study in children 6 to 10 years old. **International Electronic Journal of Health Education**, n.9, p.192-201, 2006.

LOPES, V. et al. Estudo do nível de desenvolvimento da coordenação motora da população escolar (6 a 10 anos de idade) da Região Autónoma dos Açores. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.3, n.1, p.47-60, 2003.

MARSHALL, J.; BOUFFARD, M. The effects of quality daily physical education on movement competency in obese versus nonobese children. **Adapted Physical Activity Quarterly, Champaign**, v.14, n.3, p.222-237, 1997.

NOBRE, F. et al., Intervenção motora como fator determinante no desenvolvimento motor: estudo comparativo e quase experimental. **Revista Acta Brasileira do Movimento Humano**, v.2, n.2, p.76-85, 2012.

PALMA, M. **O Desenvolvimento de Habilidades Motoras e o Engajamento de Crianças Pré-Escolares em Diferentes Contextos de Jogo**. 2008. 350f. Tese (Doutorado em Estudos da Criança). Universidade do Minho. Instituto de Estudos da Criança, Braga, 2008.

PALMA, M.; CAMARGO, V.; PONTES, M. Efeitos da atividade física sistemática sobre o desempenho motor de crianças pré-escolares. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v.23, n.3, p.421-429, 2012.

PALMA, M.; PEREIRA, B.; VALENTINI, N. Jogo com orientação: uma proposta metodológica para a educação física pré-escolar. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v.20, n.4, p.529-541, 2009.

PAYNE, G. **Desenvolvimento motor humano**. 6ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

PERES, C. **Educação Física no 1º Ciclo do Ensino Básico: o comportamento motor de grupos de crianças com experiências práticas diferenciadas**. 2008. 216f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Criança). Universidade do Minho. Instituto de Estudos da Criança, Braga, 2008.

PÍFFERO, C. **Habilidades motoras fundamentais e especializadas, aplicação de habilidades no jogo e percepção de competência de crianças em situação de risco: a influência de um programa de iniciação ao tênis**. 2007. 211f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física, Porto Alegre, 2007.

SANDERS, S. **Ativo para a vida: programas de movimentos adequados ao desenvolvimento da criança**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SOUZA, M.; BERLEZE, A.; VALENTINI, N. Efeitos de um programa de educação pelo esporte no domínio das habilidades motoras fundamentais e especializadas: ênfase na dança. **Revista de Educação Física/UEM**. Maringá, v.19, n.4, p.509-519, 2008.

SURDI, A. KREBS, R. Estudo dos padrões fundamentais de movimento de pré-escolares que participam do programa de desenvolvimento infantil do SESI da cidade de Videira SC. **Kinesis**. Santa Maria, n.21, p.57-69, 1999.

ULRICH, D. **Test of Gross Motor Development** - second edition. Austin: PRO-ED Publishers, 2000.

VALENTINI, N. et al. Teste de Desenvolvimento Motor Grosso: validade e consistência interna para uma população gaúcha. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v.10, n.4, p.399-404, 2008.

VILLWOCK, G.; VALENTINI, N. Percepção de competência atlética, orientação motivacional e competência motora em crianças de escolas públicas: estudo desenvolvimentista e correlacional. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.21, n.4, p. 245-257, 2007.

WIART, L.; DARRAH, J. Review of four tests of gross motor development. **Developmental Medicine & Child Neurology**, Sheffield, v. 43, p.279-285, 2001.

WEINECK, J. **Biologia do esporte**. 7ed. Barueri: Manole, 2005.

MOTOR PERFORMANCE LEVEL OF PRACTICING AND NON-PRACTICING STUDENTS OF PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT: The aim of the study was to assess and compare the motor performance level of practicing and non-practicing children of school physical education. Forty children participated in the sample, with age from seven to nine years old (20 practicing and 20 non-practicing) from two schools of the public system in Porto Alegre. The Test of Gross Motor Development – Second Edition (TGMD-2), by Ulrich (2000), was used for the analysis of motor performance in the children. The results evidenced that there was not significant difference between the groups, both presenting very poor motor performance level.

Keywords: Motor Performance. Scholars. Physical Education.

NIVEL DE DESEMPEÑO MOTOR DE ESCOLARES PRACTICANTES Y NO PRACTICANTES DE EDUCACIÓN FÍSICA

RESUMEN: El objetivo del estudio fue evaluar y comparar el nivel de desempeño motor de niños practicantes y no practicantes de educación física escolar. Participaron de la muestra cuarenta niños, desde los siete hasta los nueve años de edad (20 practicantes y 20 no practicantes) de dos escuelas de la red pública de educación de Porto Alegre. El instrumento utilizado para el análisis del desempeño motor de los niños fue el Test of Gross Motor Development-2 (TGMD-2), de Ulrich (2000). Los resultados apuntaron que no hubo diferencia significativa entre los grupos, ambos presentando un nivel de desempeño motor muy pobre.

Palabras-clave: Desempeño motor. Escolares. Educación Física.